



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA
EDUCAÇÃO
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

IOLANDA CURINGA CABRAL

**RELAÇÃO INTERPESSOAL: um desafio no espaço
escolar**

ITAPORANGA - PB
2014

IOLANDA CURINGA CABRAL

**RELAÇÃO INTERPESSOAL: um desafio no espaço
escolar**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual de Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Especialista.

Orientador: Prof. Dr. Alex da Silva

**ITAPORANGA - PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C117r Cabral, Iolanda Curinga
Relação Interpessoal: um desafio no espaço escolar
[manuscrito] : / Iolanda Curinga Cabral. - 2014.
30 p.

Digitado.
Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da
Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à
Distância, 2014.
"Orientação: Prof. Dr. Alex da Silva, Departamento de
Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas
pedagógicas Interdisciplinares".

1. Educação. 2. Convivência 3. Relação Interpessoal. I.
Título.

21. ed. CDD 370

IOLANDA CURINGA CABRAL

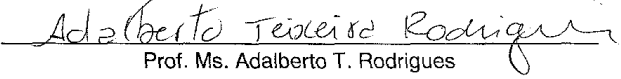
RELAÇÃO INTERPESSOAL: um desafio no espaço escolar

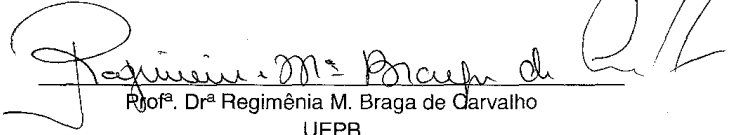
Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual de Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Especialista.

Aprovada em 27/09/2014

Banca Examinadora


Prof. Dr. Alex da Silva
UEPB


Prof. Ms. Adalberto T. Rodrigues
UEPB


Prof.ª Dr.ª Regimênia M. Braga de Carvalho
UEPB

DEDICATÓRIA

A Deus que esteve presente em todos os momentos desta caminhada.

Aos meninos e meninas da Escola Estadual de Ensino Fundamental Dr. Manoel Diniz motivo principal da minha caminhada para realização desse estudo.

AGRADECIMENTOS

A Deus em especial por ter me ajudado chegar até aqui.

Aos meus filhos pelo apoio e compreensão.

Aos colegas que souberam contribuir dando-me a força necessária para superar as dificuldades.

Ao nosso orientador pela competência, compromisso e paciência com que nos orientou, contribuindo para que alcançássemos os nossos objetivos.

RESUMO

Considerando a minha atuação na educação com vários anos de caminhada no magistério, hoje exercendo a gestão de uma escola senti a necessidade de fazer um estudo sistematizado sobre as Relações Interpessoais na Escola para isso foi tomada como referência uma escola pública da cidade de Itaporanga – PB e nessa instituição pude fazer observações, entrevistas com professores e alunos embasado em autores que trata do tema. O estudo possibilitou a compreensão da importância e da necessidade de um trabalho integrado na escola onde as relações humanas sejam valorizadas. As relações humanas perseguem o estabelecimento de relações sociais daí por que foi dado um enfoque sobre a importância dos educadores no processo de valorização do indivíduo porque um educador fortalecido e prestigiado em função de uma nova educação desempenhará competentemente seu objetivo como mediador consciente, buscará integração entre a escola e a vida. A convivência não é tarefa fácil, entretanto cotidianamente temos que viver em relação com outras pessoas. Essa convivência se faz mais forte na escola tendo em vista que as relações interpessoais acontecem dentro dos grupos refletindo sobre eles e sendo por eles influenciados.

PALAVRAS-CHAVE: Escola. Convivência. Educação. Integração. Aluno. Professor.

ABSTRACT

Considering my performance in education with several years of walking in teaching today exercising the management of a school felt the need to make a systematic study of the Interpersonal Relations in School for this was taken as reference a public school in Itaporanga - PB and this institution could make observations, interviews with teachers and students grounded in authors dealing with the theme. The study allowed us to understand the importance and necessity of an integrated school where human relations are valued work. Human relations pursue the establishment of social relations which is why it was given a focus on the importance of educators in the recovery process of the individual as a prestigious and strengthened according to a new education educator competently perform your goal as a conscious agent, seek integration between school and life. Living together is no easy task, however every day we have to live in relationship with others. This coexistence becomes stronger in school given that interpersonal relationships happen within groups reflecting on them and being influenced by them.

KEYWORDS: School. Coexistence. Education. Integration. Student. Teacher.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1Relacionamento Interpessoal.....	12
2.2Relação Professor - Aluno Na Sala de Aula	15
3.PROCEDIMENTOSMETODOLÓGICOS.....	20
4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	21
4.1 Dos Professores	21
4.2 Dos Alunos	23
5.CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
6.REFERÊNCIAS.....	28

1. INTRODUÇÃO

A necessidade de que a educação trabalhe a formação ética dos alunos está cada vez mais evidente. A escola deve assumir-se como um espaço de vivência e de discussão dos referenciais éticos, não uma instância normativa e normatizadora, mas um local social privilegiado de construção dos significados éticos necessários e constitutivo de toda e qualquer ação da cidadania, promovendo discursões sobre a dignidade do ser humano, igualdade de direitos, recusa categórica de formas de discriminação, importância da solidariedade e observância das leis.

Historicamente falando, a educação vem sendo um dos assuntos mais discutidos e evidenciados em todo país, tanto pelos meios de comunicação de massa como pelas novas leis, como é o exemplo da Lei 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e outros documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais que trazem propostas de trabalhos necessárias ao exercício da cidadania.

O estudo **Relação Interpessoal: um desafio no espaço escolar** foi criado a partir da necessidade de oferecer ao aluno e construir junto com ele, um ambiente de respeito pela aceitação; de interesse pelo apoio a sua expressão; de valorização pela incorporação das contribuições que venha trazer.

O propósito sem dúvida é procurar alternativas para que o aluno aprenda a posicionar-se de forma que compreenda a relatividade de opiniões, preferências, gostos, escolhas, e aprender o respeito ao outro.

Reconhecer que situações de preconceitos e desrespeitos acontecem nas relações interpessoais cotidianas e que não só os adolescentes que passam por isso é muito importante para pensar em forma de intervenção nessas situações. As atitudes contraditórias são comuns nas relações. Assumir que elas existem provoca a busca de respostas, a conhecer melhor aquele com quem convive.

Essa busca encaminha o nosso olhar para os porquês dos conflitos na escola e o presente estudo pode possibilitar aproximação e superação deles. Explicitadas e negociadas as possíveis soluções, poderemos ter a possibilidade de pensar em como reparar situações a partir do reconhecimento de que pode existir a necessidade de desculpar diante das atitudes tomadas se esta desrespeita os outros.

A convivência não é tarefa fácil, entretanto cotidianamente temos que viver em relação com outras pessoas. Na escola essa convivência se acentua muito mais, pois todas as relações interpessoais acontecem dentro dos grupos, refletindo sobre eles, ao mesmo tempo em que são por eles influenciados. Logo, às diferenças vem atona, surgem conflitos, atritos, ocorrem mudanças.

Lidar com as diferenças e com as mudanças não é uma tarefa fácil. O ser humano tende a rejeitar o novo, o diferente, geralmente o desconhecido desperta medo e ansiedade.

Contudo, é imperativo que aprendamos a lidar com os conflitos e a trabalhar coletivamente. É preciso que descubramos, que inventemos maneiras de aproveitar construtivamente as diferenças.

Considerando a relação interpessoal como um desafio no espaço escolar tanto na dimensão da sala de aula, envolvendo professor e aluno, quanto entre professores no grupo de trabalho ou entre professores e gestores ou entre escola e família decidimos torná-lo o tema do nosso estudo.

A pesquisa foi desenvolvida numa escola do ensino fundamental da rede estadual de ensino onde a pesquisadora atua como gestora sendo assim possibilitou a realização de diagnóstico mais realista para dimensionar adequadamente as dificuldades que se apresentavam e conseqüentemente trouxe subsídios para a superação das mesmas, quer dizer encontrar alternativas para possíveis soluções.

O estudo foi um grande desafio durante todas as etapas, pois, tratava-se de fortalecer os grupos para que os laços entre as pessoas fossem criados ou intensificados, para que houvesse realmente um aprofundamento do conhecimento de uns sobre os outros e de cada um sobre si mesmo como parte de um grupo maior.

Lembramos que os objetivos propostos vêm sendo observados como, por exemplo, atitudes de respeito pelas diferenças entre as pessoas que foi o objetivo geral da pesquisa por ser condição necessária ao relacionamento interpessoal e a convivência no espaço escolar.

O estudo embasado nos teóricos que tratam da temática possibilita a conquista dos objetivos mais específicos tais como: buscar interações afetivas entre alunos, professores e funcionários; estimular o diálogo como forma de esclarecer conflitos e tomar decisões coletivas e construir de forma democrática normas de convivência saudável na escola.

Para isso na primeira seção fizemos as considerações gerais sobre o relacionamento interpessoal.

Na segunda seção discutimos a sala de aula enquanto espaço vital onde o professor confronta pedagogicamente o conhecimento teórico com a prática.

A terceira seção destina-se aos procedimentos metodológicos e a análise dos dados.

No tópico metodológico, discutimos as principais abordagens e nossa opção pela pesquisa qualitativa de cunho biográfico e de campo. Descrevemos, ainda, nossos objetivos, os instrumentos de pesquisa, a escola e o sujeito pesquisado. No segundo tópico apresentamos a análise dos dados.

Por fim, nas considerações finais, retomamos o foco da pesquisa e apontamos a importância e o significado das relações interpessoais no contexto escolar.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Relacionamento Interpessoal

Todo contexto social pressupõe uma união reflexiva, no relacionamento interpessoal, ou seja, é preciso que o indivíduo se aproxime em qualquer âmbito da sociedade, mas para isso é indispensável a proximidade das ideias, dos objetivos e dos preceitos comunicativos, essenciais no desenvolvimento progressivo dessa sociedade, que pode ser constatado o intercâmbio entre pessoas, professores e alunos, provocando uma verdadeira ação conjunta, que surta os efeitos colaterais da aproximação dos sentimentos e das reflexões psicológicas.

Portanto, o processo pode parecer complicado, quando se trata das sociedades emergentes, de forma crucial e complexa. Os costumes, as normas sociais, se complicam diante da dinâmica social, que como sempre é irreversível e explosiva, mesmo por que cada indivíduo apresenta reações diversas, mediante suas formações psicológicas que diante de determinadas circunstâncias, venham sofrer as transformações sociais. Sobre isso Vasconcellos (2004, p.100) diz que:

A teoria em si (...) não transforma o mundo. Pode contribuir para sua transformação, mas para isso tem que sair de si mesmo, e em primeiro lugar, tem que ser assimilada pelos que vão ocasionar com seus atos reais, efetivos, tal transformação. Entre a teoria e a atividade prática transformadora se insere num trabalho de educação das consciências, de organização dos meios materiais e planos concretos de ação.

Perante essa colocação de Vasconcellos ele diz que para existir um bom relacionamento entre professor — aluno na sala de aula seria necessário que cada professor procurasse não só trabalhar os conteúdos e sim procurar conhecer melhor todos os seus alunos, visando algumas dinâmicas que envolvam todos os componentes, mostrando a importância de participação de cada um ao desenvolver as atividades em sala de aula.

Mas para isso acontecer é preciso que o professor não use apenas a teoria. Segundo Vasconcellos (2009, p. 100), "A educação, não transforma de modo direto e imediato e sim de modo indireto, isto é, agindo sobre os sujeitos na prática".

Para existir um bom relacionamento no processo educacional é preciso que o

educador use todos os argumentos usando a prática, a ação diante das realidades vivenciadas por cada ser humano na sociedade em que vive.

Pode-se dizer que todo relacionamento humano seja de ordem trabalhista, pessoal e cultural, exige certos padrões de limites adjacentes, exibindo as reflexões mais plausíveis no momento, que podem ser a favor ou contra a interdisciplinaridade, num desfecho da perspectiva do sujeito, em busca da dinâmica, das reações práticas e cognitivas, da inclusão de novos caminhos na dimensão da lógica comportamental. É importante comentar que todo intercâmbio, exige-se uma visão crítica desse contexto e da aproximação do ser humano.

É sempre louvável analisar as paradigmáticas do ser humano, no incontornável jogo humano; chamando de "luz do saber", termo provocativo para algumas circunstâncias devido a reações imprevistas do ser humano. O desenvolvimento das relações interpessoais qualifica as visões do coexistir, onde vários sentimentos de angústia, de ansiedade, até desespero, além de desagradável, prejudica o bom entrosamento humano, principalmente nos momentos de dificuldades, onde mais se necessita de um bom interlocutor ideológico, para realizar as energias psíquicas do "eu" interior e também exterior de cada indivíduo, sempre se preocupando em não deixar cair no processo contraditório das relações adversas que segundo a concepção de Del Frete (2001, p. 31),

as pessoas socialmente competentes tendem a apresentar relações pessoais e profissionais mais produtivas, satisfatórias e duradouras, além de saúde física e mental e bom funcionamento psicológico. Os déficits em habilidades sociais estão geralmente associados a dificuldades e conflitos na relação com outras pessoas.

O termo habilidade social se diferencia tanto ao termo desempenho social como de competência social. O desempenho social refere-se a emissão de um comportamento ou sequência de comportamentos em uma situação social qualquer. Quanto as habilidades sociais refere-se a existência de diferentes classes de comportamentos sociais no repertório do indivíduo para lidar de maneira adequada com as demandas das situações interpessoais. A competência social tem sentido avaliativo que remete aos efeitos do desempenho social nas situações vividas pelo indivíduo. Muitas vezes, uma pessoa possui habilidades, mas não as utiliza no desempenho por diversas razões, entre as quais a ansiedade, crenças equivocadas

e dificuldades de leitura dos sinais do ambiente. Na dinâmica das interações, as habilidades sociais fazem parte dos componentes de um desempenho social competente.

A competência qualifica, portanto, a proficiência de um desempenho e se refere à capacidade do indivíduo de organizar pensamentos, sentimentos e ações em função de seus objetivos e valores articulando-os às demandas imediatas mediadas do ambiente.

Às vezes, as sociedades mais reflexivas se metem no jogo do interesse, na flexibilidade e relatividade das medidas burocráticas que podem constituir o espaço adequado para determinar estratégias. A escola organizada sempre exige um bom relacionamento interpessoal entre professores, alunos, funcionários e gestores, mas para que isso aconteça na prática, é importante que todos os agentes, se comprometam num jogo de união cognitiva, num rígido padrão de organização, mesmo sabendo que esse é um processo difícil porque existe o lado do egoísmo e do individualismo.

A Educação é uma prática eminentemente social que amplia a inserção do indivíduo no mundo dos processos e dos produtos culturais da civilização. A escola é um espaço privilegiado, onde se dá um conjunto de interações sociais que se pretendem educativos. Logo, a qualidade das interações sociais presentes na educação escolar constitui um componente importante na concepção de seus objetivos e no aperfeiçoamento do processo educacional. Segundo Vasconcellos (2009, p. 56)

O ato do conhecimento, a par de ser um ato psicológico, é primordialmente, um ato histórico e social. A atividade cognoscitiva é uma atividade de sujeitos concretos socialmente constituídos na e pela atividade prática, e não uma pura atividade espiritual.

Considerando as palavras de Vasconcellos, um dos primeiros passos do professor seria conhecer a realidade e as dificuldades enfrentadas pela Instituição escolar em relação a tantos alunos, a escola e a própria comunidade em que vivem e também saber se o ambiente oferece ou não condições adequadas onde os alunos possam desenvolver suas atividades.

2.2 Relação Professor - Aluno Na Sala de Aula

A sala de aula, podemos tratá-la como um espaço vital, na qual alunos e professores se encontram para juntos enfrentar a questão do saber escolar.

O confronto que existe, realmente, é pela própria natureza do trabalho de ensinar e entre esses sujeitos do processo, alunos e professores juntos e o seu objeto, o saber a ser conquistado.

É preciso afirmar, a esta altura, que a educação escolar não trata apenas da transmissão de conhecimento. Se assim fosse as metodologias de ensino poderiam resolver a questão didática através do critério das áreas do conhecimento.

Neste caso bastaria ao professor dominar o conteúdo da área da matemática, por exemplo, para ensinar matemática e assim por diante. Entretanto, há um campo específico para a didática na questão do método, campo esse decorrente do fato de ser a educação escolar uma ação pela qual estudantes e professores juntos buscam a conquista do conhecimento.

A sala de aula é o espaço da confirmação, onde as competências e habilidades são testadas, onde a realidade é complexa; pluralista e desafiadora.

E mais: A sala de aula é um espaço de um pensar e um livre pensar sem medo, sem a preocupação de censura, da construção do conhecimento, da inovação pedagógica, da criatividade, do estudo, da observação, da reflexão, da informação, da interação, da tolerância, do respeito e da reverência.

A sala de aula desafia a capacidade didático-pedagógica do professor, e o saber teórico, suas convicções pessoais, sua postura, sua tolerância, o equilíbrio de suas emoções, sua ética, sua capacidade de administrar conflitos, de exercitar a democracia, de gerenciar coerentemente as informações necessárias à construção do conhecimento.

É na sala de aula que ocorre o momento crucial da educação escolar o encontro de duas vidas ambas buscando crescer e alcançar a plenitude, a comunhão aluno-professor.

Wachowich (1991) considera que muitas vezes se tem a imagem da sala de aula como um espaço dividido em metades antagônicas, uma ocupada pelo professor que sabe e outra pelos alunos que não sabem.

A hierarquização se verifica também na sala de aula quando alunos são separados em “melhores” e “piores” da sala o que prejudica tanto uns quanto outros.

Os que conseguem ser “bem sucedidos”, obter boas notas, podem se sentirem estimulados a continuar buscando quase sempre alcançar maiores e mais amplos conhecimentos, na medida em que são considerados “melhores” da sala. Para os outros, obter notas baixas e muitas vezes serem considerados “fracassados” também constitui um desestímulo à continuidade dos estudos, já que desenvolve um autoconceito negativo e podem passar a sentirem-se incapazes de aprender.

A competição é quase sempre prejudicial. Muito mais prejudicial quando considerado um fim em si mesma, visando a selecionar os melhores.

Esta é uma postura vigente nas escolas e encarada dessa forma, pode-se perceber, no comportamento dos alunos, indisciplina e violência.

Claro que esta indisciplina e violência não podem ser explicadas somente pela relação professor — alunos em sala de aula, mas por motivos mais amplos que se encontram no âmbito do movimento histórico. Desse movimento histórico fazem parte a questão socioeconômica, a fragmentação familiar, a influência dos meios de comunicação social, a política educacional, as condições de trabalho do professor, as mudanças de paradigmas porque passa a sociedade.

O fato é que já não se pode manter essa postura de ensino, de alguém que sabe para quem não sabe.

Na relação professor - aluno - conhecimento, as vias de acesso passam por outros caminhos da racionalidade. Elas contemplam também o afetivo e intuitivo sobre isso se referem as Diretrizes Curriculares Nacionais nº 02/98 dizendo que

As escolas deverão reconhecer que as aprendizagens são constituídas na interação entre o processo de conhecimento, linguagem e afetivos, como consequência das redações entre distintas identidades dos vários participantes do contexto escolarizado, através de ações inter e intra-subjetivas; as diversas experiências de vida dos alunos, professores e demais participantes do ambiente escolar, expressas através de múltiplas formas de diálogo devem contribuir para a constituição de identidades afirmativas, persistentes e capazes de protagonizar ações solidárias, autônomas de constituição de conhecimentos e valores indispensáveis a vida cidadã (BRASIL, CNE, 1998, Art. 3º parágrafo III).

Essas interações intersubjetivas de que falam as Diretrizes acontecem no cotidiano da sala de aula, quando o professor tem a coragem de tomar a iniciativa, abrindo espaço de liberdade para que o aluno se exponha. Isto pode acontecer de forma aberta, em presença de colegas, ou em particular, na sala de aula, em diálogo direto como professor ou ainda por escrito.

A relação professor - aluno conforme ainda as Diretrizes são paradoxais: se diante da vida eles estão no mesmo patamar, sujeitos a normas e dificuldades, crises, perdas, alegrias, expectativas etc., diante do conhecimento estão em patamares diferentes.

No nosso entendimento, cabe ao professor dominar o saber em seus aspectos principais, entendendo-se então que alunos e professores não se encontram em situação de igualdade diante do conhecimento. Considerando que o professor já estudou, já fez sua análise já sua síntese e que o aluno que vem para a escola com um conhecimento do senso sincrético, fragmentado, desarticulado, simplista, apreendido da prática social de espontânea, a relação que se estabelece entre professor e aluno venha a ser a conjugação dessas interpretações.

Sobre isto os Parâmetros Curriculares Nacionais se manifestam da seguinte forma:

O sucesso de um projeto educativo depende do convívio em grupo produtivo e cooperativo. Dessa forma são fundamentais as situações em que se possa aprender a dialogar, a ouvir o outro e ajudá-lo, a pedir ajuda aproveitar críticas, explicar um ponto de vista, coordenar ações para obter sucesso em uma tarefa conjunta. É essencial aprender procedimentos dessa natureza e valorizá-los como forma de convívio escolar e social. Trabalhar em grupo de maneira cooperativo e sempre uma tarefa difícil, mesmo para adultos convencidos de sua necessidade (BRASIL, 1998).

A criação de um clima favorável a tal aprendizado depende do compromisso do professor em aceitar contribuições do aluno (respeitando-as, mesmo quando apresentadas em forma confusa ou incorreta) e em favorecer o respeito por parte do grupo assegurado a participação dos alunos.

O professor Claudio de Moura Castro em entrevista para a Revista Nova Escola diz que,

a saúde institucional de uma escola depende de sua capacidade de transmitir mensagens de cidadania. Seja pública ou privada, a escola que atingir um nível de dignidade, seriedade e competência terá dado um passo a frente na tarefa de desenvolver a cidadania. Mas esse primeiro passo ainda é pouco. Há muito mais a fazer. A escola tem de usar, deliberadamente, todas as oportunidades para transmitir boas mensagens. E a mensagem será bem mais transmitida quanto mais naturalmente estiver embutida na atividade (CASTRO, 2000, p. 21).

A experiência ao longo da caminhada no magistério tem mostrado que todo educador, independentemente da disciplina, deve ensinar cidadania em suas aulas.

Em poucas palavras, tenha em mente a questão central da ética: "como agir na relação com os outros"? Para esse questionamento, Taille(2000)sugere trabalhar com quatro pilares: solidariedade, respeito mútuo e diálogo.Lorieri(2000, p. 17)reforça esse ponto de vista afirmando que“A cidadania que fica só no conceitual não acontece de fato”, "é como ensinar alguém a nadar estando fora d'agua".

Nesse contexto, pode-se concluir que a relação entre professor e aluno assume importância fundamental.Quando essa convivência é problemática, a violência aflora.

Nas relações interpessoais, não só entre professor e aluno, mas também entre os próprios alunos, o grande desafio é conseguir se colocar no lugar do outro, compreender seu ponto de vista e suas motivações ao interpretar suas ações. Isso desenvolve a atividade de solidariedade e a capacidade de conviver com as diferenças.

Essas considerações são especialmente importantes na educaçãofundamental, já que os alunos estão conhecendo e construindo seus valores e sua capacidade de conduzir o próprio comportamento a partir deles.

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais especificamente o que estáexplícito no documento de ética pode-se afirmar que: “a autonomia refere-se, por um lado, a um nível de desenvolvimentopsicológico implicando dessa forma uma dimensão individual e por outro uma dimensão social”.

O documento refere-se à autonomia como algo pressupõe em relação com outro. Não existe autonomia, como uma capacidade absoluta do sujeito isolado. Nesse sentido trata-se numa perspectiva da construção de relações de autonomia. Por isso só é possível realizá-la como processo coletivo que implica em relações de poder não autoritária.

O comportamento pessoal se articula com inúmeros outros fatores desses valores e das relações que o sustentam. Portanto, o desenvolvimento de atitudespressupõe conhecer diferentes valores, o poder de apreciá-los, experimentá-los, analisá-los criticamente e eleger livremente um sistema de valores para si.

É importante que o trabalho pedagógico inclua a possibilidade de discussão e questionamento e a não ocultação de contradições, conflitos e confrontos.

Outra questão fundamental para o contexto escolar é da relação entre autonomia e autoridade: permitir que valores e normas sejam discutidos, avaliados,

e reformulados não significa abolir, negar ou qualificar negativamente a autoridade mental, uma vez que é nela que se apoia a garantia de direitos e deveres no contexto escolar.

Estamos entendendo que a autoridade deve ser construída mediante uma elevação plena da responsabilidade de educar, de intervir com discernimento e justiça nas situações de conflitos, de se pautar, correntemente, pelos mesmos valores colocados como objetivo da educação dos alunos e de reconhecer que a autoridade dos educadores na escola se refere numa sociedade que se diz democrática.

Para o professor a escola não é apenas lugar de reprodução de relações de trabalho alienados e alienantes. É também, lugar de possibilidade de construção de relações de autonomia, de criação e recriação de seu próprio trabalho, de reconhecimento de si, que possibilita redefinir sua relação com os alunos, famílias etc.

A boa relação entre professores e alunos se constrói na base da conquista. O aluno precisa se apaixonar pelo ato de aprender, isso só se torna possível quando o educador transmite essa paixão.

É na relação professor - aluno que se instaura de fato, o processo ensino-aprendizagem. Por isso sem medo de errar, podemos afirmar que às chances do insucesso do trabalho pedagógico se deve em grande parte a qualidade dessa relação. Através dela é possível extrair toda uma concepção de educação em que professores e alunos tem a respeito dos seus papéis e das suas possibilidades de trabalho (SANNY, 1994, p. 63).

É necessário então, que o educador se auto-avalie e propicie aos alunos as condições necessárias para que eles possam se expressar, que o educador passe a atuar de forma dinâmica, responsável e prazerosa.

Dessa forma, esse estudo se justifica por contribuir para a construção de formas de convivência democrática no cotidiano escolar.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi realizada em uma escola pública que atende a crianças, adolescentes e adultos que moram nas proximidades da escola e sítios vizinhos. Os alunos são divididos em turmas de acordo com a série que estão cursando.

Um número significativo de alunos é oriundo de famílias compostas de pais, mães e irmãos, muitos deles estudam juntos na escola. Em muitos casos famílias desestruturadas e apresentam um histórico de aprendizagem lenta e desrespeito causando preocupação aos professores, gestor e demais funcionários da instituição.

Com relação a amostra a pesquisa foi constituída por 30 sujeitos sendo 17 do sexo masculino e 13 do sexo feminino com idade entre 7 e 10 anos, do 1º ao 5º ano. Os alunos foram divididos em turmas de acordo com o ano de ensino que estão cursando.

O instrumento de pesquisa constou de dinâmicas, questionários focando o tema que trata da Relação Interpessoal.

As dinâmicas que nos referimos promoveram de forma lúdica, reflexões sobre hábitos, atitudes, comportamentos que ajudarão a melhorar o espaço escolar.

A cada atividade desenvolvida durante a pesquisa foram dadas as devidas explicações com base no referencial teórico utilizado na construção desse estudo.

A análise dos dados foi feita após a realização das atividades prioritárias, onde os professores foram convidados a descreverem os comportamentos dos alunos e apontarem diferenças entre o que se via no passado e o comportamento atual.

Os professores apontaram o comportamento anterior e o comportamento atual do aluno, indicando se houve melhora em decorrência das atividades realizadas.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

4.1 Dos Professores

Um exame inicial dos dados permite-nos constatar que a sala de aula desafia a capacidade didático-pedagógico do professor, seu saber teórico, suas convicções pessoais, sua postura, sua tolerância, o equilíbrio de suas emoções, sua ética, sua capacidade de administrar conflitos, de exercitar a democracia, de gerenciar coerentemente as informações necessárias à construção do conhecimento.

Priorizamos algumas respostas com relação ao espaço dado ao aluno para que ele possa se expor, se expressar.

Percebe-se nas falas que a sala de aula é um espaço em que o pensar, a expressão oral do aluno ainda se dar num clima de preocupação com a censura e o medo de errar é evidente.

“Eu procuro repassar o conteúdo da melhor forma possível e sempre faço perguntas logo em seguida, mas eles não interessam muito”. (professor 2)

“Às vezes tenho que parar a aula para conversar sobre temas que de repente surgem na sala, mas ao pedir para eles discutirem dar opinião eles se encolhem, não sabem ou não querem opinar e aqueles que falam são criticados pelos colegas”. (professor 4)

“Dou minhas aulas e procuro fazer com que os alunos aprendam, porque se for deixar, eles falando só geram bagunça”. (professor 1 e 3)

“Procuro contextualizar o conhecimento teórico com a vivência deles, para que haja coerência entre o conteúdo e a realidade do aluno”. (professor 4)

“São tantas atribuições exigidas pelos programas existentes na escola que não sobra tempo para o debate, às discussões. O próprio sistema exige que os professores priorizem os conteúdos”. (professor 1)

A sala de aula, podemos constatar nas falas ainda não é um espaço democrático um espaço vital como dizem os autores à questão do saber escolar e da cidadania não são confrontadas.

É preciso afirmar, a esta altura, que a educação escolar não trata apenas da transmissão do conhecimento. Se assim fosse às metodologias de ensino poderiam resolver a questão didática através do critério das áreas do conhecimento.

Neste caso bastaria ao professor dominar o conteúdo da área de matemática,

por exemplo, para ensinar matemática e assim por diante.

Na relação professor-aluno-conhecimento, as vias de acesso passam por outro meio, que apenas o caminho da racionalidade. Ela contempla também o afetivo e o intuitivo.

Ao serem indagadas sobre a possibilidade do professor conquistar o aluno, ter uma boa relação com ele através da transmissão apaixonada do conhecimento foram apresentadas respostas como:

“É inegável que para o aluno aprender o significado de qualquer conhecimento é preciso que haja diálogo que o professor interaja com o aluno com dinamismo”. (professor 4)

“Acho que hoje em dia quem mais tem facilidade de conquistar o aluno é aquele professor que não está nem aí para bagunça desses eles gostam porque não exigem” (professor 1 e 3)

“Sim, como professora de crianças e adolescentes sinto-me na obrigação de ficar atenta a reação dos meus alunos na sala e tento passar o conhecimento de forma prazerosa porque sei que o meu comportamento é fundamental tendo em vista que estou lidando com “gente” ” (professor 4 e 6).

Diante das respostas podemos afirmar que a escola deve se preocupar mais com a formação global dos alunos numa visão em que o conhecer e o intervir no real se encontram.

Querendo ou não, a prática cotidiana contribui para reforçar ou superar determinadas formas de agir e de pensar. É necessário que os educadores tenham consciência de sua prática e saibam a serviço de que projeto de sociedade ela está. O conteúdo como o qual o professor trabalha e a prática que adota estão contribuindo para formar que tipo de ser humano? Para viver em que sociedade?

Outro questionamento foi com relação à instituição escolar. Os professores foram indagados da seguinte forma: O que caberia a escola, fazer para aperfeiçoar as relações interpessoais num ambiente escolar?

Dentre as respostas dadas foram priorizadas as seguintes:

“Acho importante que a escola dê mais espaço para que seja discutida cidadania, não apenas nos aspectos institucionais dos direitos e deveres, que são fundamentais sem dúvidas, mas principalmente nos valores éticos, morais e culturais”. (professor4)

“Seria interessante que a escola usasse uma estratégia para que os pais fossem mais participativos na vida escolar e familiar dos filhos, assim facilitaria o trabalho da escola e melhorava o relacionamento”. (professor 1 e 3)

“O relacionamento, a afetividade depende muito da família, na maioria dos casos os alunos chegam à escola com um histórico de violência e agressividade e a escola precisa lutar por uma equipe multidisciplinar e a partir daí com certeza melhoraria as relações interpessoais”. (professor 6)

“A escola já vem trilhando no caminho certo para a busca da melhoria das relações interpessoais não só professor aluno, mas entre todos os segmentos no momento em que desenvolvem projetos voltados para valores como: solidariedade, participação, respeito entre outros. Nós professores somos orientados para conscientizar nossos alunos da relevância desses valores”. (professor 3 e 4)

Concluimos com essas respostas que o professor deve ser um profissional que pautar sua ação pedagógica numa prática transformadora, alicerçada num trabalho participativo.

Compreendemos que a afetividade também influencia a aprendizagem sendo que ela é necessária na formação de pessoas felizes, éticas, seguras e capazes de conviver com o mundo que a cerca. No ambiente escolar além de dar carinho é preciso aproximar do aluno, saber ouvi-lo, valorizá-lo e acreditar nele, dando abertura para sua expressão. Carinho faz parte da trajetória, é apenas o começo do caminho.

4.2 Dos Alunos

Com relação aos alunos entrevistados, perguntamos se eles costumam questionar o seu professor e se ele sempre atende.

“Não é sempre que a professora deixa a gente participar da aula, só quando é interesse dele, por exemplo, quando é para revisar o assunto da prova” (aluno 1 e 2)

“As vezes não participo, não por se uma pessoa que não quer nada, mas pelas dificuldades que eu tenho de falar, sou tímido” (aluno 4)

“Sou obrigada a participar, ficar atenta porque depois eu tenho que fazer atividades” (aluna 3)

“Não sou de baixar a cabeça, faço muitas perguntas na sala de aula embora tem gente que fica fazendo críticas” (aluno3)

“Não gosto de participar nas aulas mais gosto de participar de outras atividades principalmente dos projetos da escola sem ser aula a gente fica mais a vontade” (aluno 1, 5 e 6)

Com relação a essa questão a maioria dos alunos afirma que questiona o seu professor na sala de aula, mas reconhecem que nem sempre é fácil.

A relação professor-aluno há muito tem servido de reflexão, debate e discussão num universo educacional. Enveredando nessa visão é que se entende que a interação professor-aluno deva ser pautada em princípio que levem ao entendimento, compreensão e comunhão.

Segundo Freire (1987) o bom relacionamento favorece as ações que direcionam a construção da cidadania.

Outra indagação foi feita da seguinte forma: Você já recebeu alguma punição na escola? O que você achou?

Todos os meninos foram unânimes em dizer que sim e a punição para a maioria foi ter sido privado de jogar bola no recreio consideraram uma punição justa que segundo eles tinham sido punidos por agredir o colega. Como jogar era o que mais gostavam a punição foi severa, porém justa.

Analisadas as respostas dadas pelos os alunos a essa questão, constata-se que não há igualdade entre os gêneros na instituição escolar. Por exemplo, apenas uma menina respondeu sim, mas não soube explicar ou não quis que tipo de punição tivesse sofrido.

Na hora do recreio pude perceber a persistência de antigos estereótipos ligados aos gêneros, como a separação rígida entre práticas esportivas e de lazer dirigidas a meninos e meninas.

Não observei nenhuma intervenção dos professores para garantir as mesmas oportunidades de participação de ambos os sexos, assegurando respeito aos interesses existentes entre alunos e alunas.

São comportamentos e habilidades socialmente desenvolvida, não tão explícito, a que os educadores precisam estar atentos para não torná-los “como naturais” e ligado ao sexo biológico como a forma diferenciada de expressão verbal de meninos e meninas.

A escola, por sua vez, precisa fortalecer sua função social, comprometida com a construção de uma nova sociedade, sem nenhuma forma de discriminação, favorecendo construção de um novo homem e de uma nova mulher.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo foi de grande relevância pela oportunidade que tivemos de fazer um aprofundamento na questão da educação baseada nos relacionamentos. Muitas indagações levantadas durante o curso que muitas vezes nos angustiava foram esclarecidas, pois o contato direto com alunos e professores numa escola da rede pública de ensino da cidade de Itaporanga nos fez compreender a importância do tema tão discutido durante as aulas, como também a leitura de autores que tratam do assunto nos dando assim um embasamento consistente para atuação profissional.

Concluí-se, com esse estudo de natureza qualitativa, que para a prática educativa seja eficiente é imprescindível que o professor precisa manter um bom relacionamento com os seus alunos.

Segundo Sanny (1994) “É na relação professor – aluno que se instaura, de fato o processo ensino – aprendizagem”. Por isso, sem medo de errar, podemos afirmar que as chances do sucesso ou insucesso do trabalho pedagógico se deve, em grande parte, à qualidade dessa relação. “Através dela é possível extrair toda uma concepção de educação em que emergem, com certeza, a visão que professores e alunos têm a respeito dos seus papéis e das suas possibilidades de trabalho” (SANNY, 1994, p. 63).

Percebemos que essa relação que é fundamental na preparação para a cidadania, está longe de acontecer, visto que, o discurso ainda é muito teórico, vislumbrando de longe, pequenas práticas, sendo estas, mais de âmbito pessoal, alguém que tendo este processo como importante, quer colocá-lo em prática. Mas não há uma visão do todo, buscando e querendo esta praticidade. Isto tanto do lado do educador como do lado do educando, são práticas pragmáticas e encontram-se ainda muita resistência quando manifestadas.

É importante que a escola dê espaço para se discutir a cidadania, não apenas nos aspectos institucionais dos direitos e deveres, que são fundamentais, mas principalmente os valores éticos, morais e culturais. O professor deve trabalhar valores como: solidariedade, participação e respeito, entre outros, procurando conscientizar seus alunos da relevância desses valores.

A educação como processo social possibilitam-nos compreender a relação

professor-aluno como momento privilegiado da prática docente, uma vez que, em cada momento ou em cada ação desencadeada por professores e alunos, conhecimentos e afetos são mobilizados e as mudanças ocorrem “de parte a parte, nos sujeitos envolvidos na relação”. (PLACCO, 2003, p. 99)

O ensino é, antes de tudo, um trabalho desenvolvido por pessoas e entre pessoas, significando, assim, uma atividade relacional. Perrenoud (1993) considera que, no caso desse tipo de atividade, o principal instrumento de trabalho é o professor, um sujeito que interage com outros sujeitos, numa atividade dinâmica e complexa, em que não se pode deixar de considerar a importância das manifestações emocionais. A prática pedagógica, como espaço dessas relações, pressupõe que os professores, na sua relação com os alunos e no desenvolvimento das atividades, considerem esses sujeitos em suas dimensões cognitiva, afetiva e social. Segundo Wallon (1979), isto significa que todas as ações do professor não devem limitar-se à instrução do aluno somente, mas, sobretudo, deve converter-se em instrumento para o seu desenvolvimento como pessoa inteira, que pensa, sente e se movimenta.

Como encaminhamento sugerimos que na escola seja feita uma análise da qualidade do respeito entre alunos e professores e como um professor na sua prática pedagógica, na sua rotina diária na sala de aula demonstra respeito aos alunos? Nessa questão poderia colocar como princípio básico prática avaliativa. Será que o processo avaliativo realmente está verificando as dificuldades dos alunos e ajudá-los a superar as dificuldades ou simplesmente serve de instrumento de punição ou ainda como forma de coagi-los para assistir as aulas ou resolver problemas de indisciplina?

O processo avaliativo quando não é utilizado devidamente torna-se um fator de influência negativa sobre os atos de aprender e ensinar, porque desrespeita as individualidades e não leva em consideração o contexto coletivo e global.

As falas dos professores nos oportunizam concluir que a metodologia usada em sala de aula merece também uma reflexão, pois esta exige respeito para com o aluno no momento em que ele pode dialogar sobre os conteúdos ministrados pelos professores, quando eles têm a oportunidade de questionar porque os momentos de interação em sala de aula estão sendo oferecidos então se sentirão mais estimulados a participar e conseqüentemente a aprender.

A atuação do professor deve ser de um articulador entre o saber,

culturalmente acumulado, e os saberes em desenvolvimento de seus alunos, quebrando assim com a educação bancária, temos usado por Paulo Freire para designar aquela forma de ensinar na qual o aluno, ser passivo no processo, assume o prazer do mestre, sem que se instale um processo intelectual.

A relação interpessoal é um desafio no espaço escolar como sugere o tema desse estudo considerando-se que a escola tornou-se uma escola de massa que passou a abrigar alunos diferentes, com inúmeras divergências. Habituada a lidar com iguais, a escola não se preparou para essa diversidade dos alunos. Por isso, surgem antagonismos que se transformam em conflitos e que podem chegar ao extremo da violência.

A situação do professor no contexto sócio-econômico-político e cultural cria insatisfações que justificam um ensino “menos qualitativo”. Porém é imperativo que o professor não deixe que motivos como salário insuficientes, turmas lotadas etc. interfiram na qualidade do seu trabalho pois a responsabilidade é muito grande porque o professor é um formador de consciência, é um trabalhador que produz conhecimento e precisa ter a certeza de que está contribuindo para a formação de cidadãos éticos, compromissados com a justiça, com a solidariedade entre os povos, com a igualdade de direitos, e finalmente compromissados com o humano.

6 REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais Brasília: MEC/SEF1998.

BRASIL, Lei 9. 394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

CASTRO, Claudio de Moura, Revista Nova Escola, Abril, 2000.

Diretrizes Curriculares Nacionais: Apresentação dos temas transversais, ética/Secretaria de Educação Fundamental, Brasília: MEC/SEF. Resolução nº 02/98.

DEL FRETE, Almir. **Psicologia das relações interpessoais: Vivências para um trabalho em grupo.** Petrópolis, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** 7ª edição. São Paulo: Paz e Terra,1987.

LORIERE, MarcosAntônio. Revista Nova Escola, Abril, 2000.

PERRENOUD, P. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivassociológicas.** Temas de Educação 3 – Publicações Dom Quixote: Instituto de Inovação Educacional, Nova Enciclopédia. Lisboa, 1993.

PLACCO, V. N. S. **Psicologia da educação e prática docente: relações pessoais e pedagógicas em sala de aula?** In: TIBALLI, E. F. A. e CHAVES, S. M. (Org.).**Concepções e práticas em formação de professores: diferentes olhares.** Rio deJaneiro:DP&A, 2003.

RUIZ, Maria José Ferreira. **Mediando conflitos no contexto escola.**Revista do professor, nº 79, 2004.

SANNY,S.Roa.**Brincar,conhecer,Ensinar,**Cortez,1994.

La TAILLE, Y. de. **Para um estudo psicológico das virtudes morais**. Educação e Pesquisa.2000.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Construção do conhecimento em sala de aula**. São Paulo: Libertad. 2004.

_____, Celso dos Santos. **Avaliação da aprendizagem: práticas de mudanças**. São Paulo: Libertad – Centro de Formações e Assessoria Pedagogia. 2009.

WACHOWICH, Novo Hamburgo, 1991.

WALLON, H. **Psicologia e educação da criança**. Lisboa, Editorial Vega, 1979.